

DOMINGO DE PÁSCOA

TEXTO: **MARCOS 16.1-8**

1. Os Textos em Contexto

A Páscoa, celebrada desde os tempos do Antigo Testamento (Êx 12), recebe o seu sentido completo na ressurreição de Cristo (cf. Mt 5.17). Essa afirmação é possível a partir de pelo menos dois pressupostos. Primeiro, Cristo cumpre Lei veterotestamentária em sua vida conforme ele mesmo afirma em Mateus 5.17. Ele veio para esse fim e, dessa forma revela-se como o nosso salvador. Segundo, Cristo é anunciado e de fato está presente nos relatos do Antigo Testamento. Por mais que isso talvez não estivesse bem claro em algum momento da história, a revelação da pessoa de Cristo e a obra do Espírito Santo trazem as necessárias evidências para este conhecimento.

Este é certamente um olhar Cristológico para o Antigo Testamento, o que acredito ser necessário enfatizar em nossas pregações. Diversas citações do Novo Testamento nos levam a entender essa relação entre Antigo e Novo Testamento. Foi exatamente em uma pregação que o apóstolo Pedro trouxe o **Salmo 16** para falar de Jesus Cristo. Em Atos 2.14 e 15, Pedro começa sua fala explicando os fatos recém ocorridos por ocasião do Pentecostes. Ele cita o Antigo Testamento para isso (Jl 2.28-32 e outros). Mesmo falando do Pentecostes, ele logo menciona a ressurreição de Cristo.

A mensagem me parece clara, se Cristo não tivesse ressuscitado, nada disso estaria acontecendo. Não haveria Pentecostes e nenhuma outra esperança. O apóstolo Paulo fala algo parecido em **1 Coríntios 15.1-11**. Ele amplifica ainda mais a importância da ressurreição de Cristo atrelando toda a nossa vida cristã (fé e obras) à ressurreição de Cristo. Se Cristo não tivesse ressuscitado, não haveria pregação, pregador ou ouvintes. É nesse momento que somos lembrados da Palavra eterna de Deus. A distinção de um deus do Antigo e outro do Novo Testamento é artificial e idólatra, pois Deus sempre se mostrou disposto a salvar.

O livro de Isaías nos mostra esta ação salvadora em suas profecias. Em meio a tantas lembranças das transgressões cometidas pelo povo, o profeta jamais deixa de enfatizar o porquê de ele estar dizendo o que diz. Em **Isaías 25.6-9** vemos claramente

o que Deus fará. Ele trará a morte, enxugará as lágrimas, tirará o opróbrio. Esta ênfase na ação salvadora de Deus jamais pode escapar ao pregador.

2. Destaques de Marcos 16.1-8

Esta perícopa é um dos quatro relatos da ressurreição de Cristo, e não há o que discutir quanto ao seu lugar nas leituras do dia. Este é um dos quatro relatos da ressurreição (veja também Mt 28; Lc 24 e Jo 20). O que talvez chame a atenção é que nenhum destes quatro relatos descrevem especificamente a saída de Jesus do túmulo. Sabemos que as mulheres fizeram caminho ao túmulo. Estavam elas com suas preocupações quanto à pedra em seu caminho. Sabemos de sua intenção de perfumar o corpo de Jesus. Sabemos do rolar da pedra, da presença dos anjos e do túmulo vazio. Por fim, há um chamado a falarem do acontecido e de irem encontrar Jesus na Galileia.

No breve relato que fiz acima, não fiz menção do terremoto que fez a sepultura abrir, por exemplo. Isso porque o evangelista Marcos não menciona este fato. É claro que é um ótimo exercício tentar compreender o que os quatro evangelistas estão dizendo para tentar montar um relato mais completo do dia da ressurreição. No entanto, o nosso foco aqui é tentar compreender qual a intenção de Marcos ao destacar os fatos por ele relatado. Esta é uma preocupação semelhante à do pregador quando destaca alguns elementos a fim de trazer a história da salvação sob algum tema ou aspecto.

Observe, por exemplo, a menção às mulheres Maria Madalena, Maria e Salomé. Estas mulheres haviam testemunhado a morte de Jesus (Mc 15.40). Agora elas testemunham o túmulo vazio. Em um primeiro momento, a ausência do corpo de Jesus ali deitado não parece trazer nenhum consolo. O evangelista diz que elas ficaram atemorizadas (v.5). O medo não passa após a explicação do anjo, e elas ficam emudecidas (v.8). E assim termina a nossa perícopa, “E, saindo elas, fugiram do sepulcro, porque estavam possuídas de temor e de assombro; e, de medo, nada disseram a ninguém.”

O final abrupto da perícopre reflete o problema do final do próprio Evangelho de Marcos.¹ Não parece muito animador celebrar a Páscoa lembrando que as mulheres nada disseram, isto porque elas tinham medo. A ironia é que o evangelista Marcos relata diversas vezes Jesus proibindo os seus discípulos de falar (Mc 1.23-25; 1.44; 3.11-12; 7.36-37; 8.26,30; 9.9-10). Eles nunca obedecem. A desobediência parece persistir nos seguidores de Jesus.

Somos lembrados aqui que o tomar a cruz e seguir a Cristo (Mc 8.34) nunca foi sobre demonstração de força do discípulo. Páscoa não é apenas sobre morte e ressurreição. Páscoa é sobre viver com Cristo, o qual vive! Lembre, por exemplo, o momento em que Jesus é ungido em Betânia. Em Marcos 14 ouvimos falar de uma mulher que unge a cabeça de Jesus. Este diz à multidão dando razão àquela atitude: “Ela fez o que pôde: antecipou-se a ungir-me para a sepultura.” (Mc 14.8) Aquilo que as mulheres não puderam fazer naquele domingo, foi feito por antecipação.

De certo modo, aquilo que as mulheres também não puderam fazer diante do túmulo vazio, foi feito cada vez que as pessoas receberam vida em Jesus. Olhando para nós hoje, não há tempo mais apropriado para anunciar a ressurreição de Cristo do que o tempo que se chama hoje. Embora possamos marcar o dia da ressurreição de Cristo na folha do calendário (com alguma limitação), sua Páscoa não está restrita ao passado. Proclamamos a ressurreição de Cristo como se fosse hoje, pois anunciamos sua vida e a vida que temos em Cristo

Há ainda um detalhe importante do texto. O evangelista Marcos nos fala de um jovem sentado dentro da sepultura, o qual entendemos ser um anjo. Ele comissiona os seus discípulos a irem para a Galileia. A Galileia foi o lugar onde Jesus começou a chamar os seus discípulos. Diante da nova situação vivida pelos seus discípulos, é possível que Jesus os estivesse comissionando novamente para o seguirem nesta nova situação. Eles não veriam mais o seu mestre, mas seguiriam sendo seus discípulos. Eles não veriam mais o seu mestre carregando a cruz, mas eles seguiriam carregando a cruz após ele (Mc 8).

¹ Este não é o lugar para discutir a crítica textual, mas é importante estar ciente de que o problema vai além da escolha do fim da perícopre. Veja as possibilidades de um Final Breve e um Final Longo de Marcos 16 em “O Novo Testamento Grego”, 5ª edição.

3. Aplicação Homilética

É Páscoa! O túmulo está vazio! É este um motivo para alegria ou uma razão para o medo? O normal seria olhar para o exemplo das primeiras testemunhas da ressurreição. O resultado, porém, não parece muito animador. Somos informados de que elas deixam o túmulo amedrontadas e emudecidas. Cantamos “Glórias a ti, ó Cristo!” após termos ouvido este relato. Agora, porém, as palavras também parecem nos faltar.

Poderíamos nos escandalizar com a fraqueza, mas a Bíblia constantemente nos ensina que Deus mostra a sua ação exatamente naquilo que nos falta. “Pois, quando sou fraco, é que sou forte,” diz Paulo em 2 Coríntios 2.10. Isso ele diz não para exaltar a sua fraqueza, mas para nos lembrar que não existe força alguma sem a ação de Deus.

O túmulo vazio escancara o vazio do coração humano. Se pelo menos fosse possível visitar aquele lugar para lembrar dos bons tempos de outrora. Se ao menos seu corpo pudesse ser ungido com ervas aromáticas. Quem sabe aquela pedra pudesse esconder a ferida jamais cicatrizada do luto. Mas estava tudo revirado. Não era só o túmulo que estava vazio.

Algumas palavras, porém, começam a preencher o interior. O jovem ali sentado fala de Jesus. Ele quer os seus na Galileia. Sim, as mulheres ali poderiam lembrar bem o significado daquele lugar. Foi lá que Jesus começou seu ministério. Mais, foi lá que ele começou a chamar os seus discípulos. Foram tantos dias juntos depois disso. Tanta coisa aconteceu. Pensavam que já conheciam bem o seu mestre. Mas quem era ele afinal?

Olhar para o vazio, seja do túmulo ou do coração, não nos leva para muito longe. Isto nos faz pensar que a Páscoa não é sobre um túmulo vazio. Páscoa é sobre o Jesus que vive. É sobre aquele que nos chama à vida. Páscoa não é sobre pessoas que não temem a morte, mas sobre pessoas que vivem em Cristo. Páscoa não é sobre pessoas que tem palavras para tudo, mas sobre pessoas que em tudo buscam refúgio na Palavra de Deus.

Pastor Francis Hoffmann